
CULTURA PADRÃO DE SEGREGAÇÃO HUMANA? CULTURA PADRÃO DE EDUCAÇÃO-HUMANIZAÇÃO?*

DOI 10.18224/frag.v3i4.12190

MIGUEL GONZALES ARROYO**

Resumo: o texto se propõe a entender como os campos da cultura e da educação-humanização se reforçam na história. Também tem sido campos de tensões políticas e pedagógicas. Na primeira parte do trabalho nos interrogamos sobre como a cultura tem sido colocada à serviço do padrão político de segregação humana. Tensões políticas entre cultura nacional e cultura-educação popular. Mitos culturais fundantes legitimantes das segregações étnicas, raciais e do padrão de humanos in-humanos. Na segunda parte nos interrogamos sobre a cultura como padrão de educação, de libertação. Paulo Freire critica a invasão cultural como dominação política mas, sobretudo destaca as resistências culturais como matrizes de emancipação, humanização. A cultura sintetiza as tensões políticas. Síntese cultural.

Palavras-chave: Cultura. Dominação. Desumanização. Resistências Culturais. Humanização. Síntese Cultural.

Cultura e educação na história tem sido campos que se relacionam e se realimentam, mas também as tensões no campo da cultura têm tensionado o campo da educação. Reconhecer as tensões na cultura será uma chave fecunda para entender as tensões na história de nossa educação. Paulo Freire captou essas tensões na educação e na cultura antidualógica, a invasão cultural antipedagógica. Afirmar a ação cultural dialógica e libertadora. A educação como síntese cultural humanizadora.

Tentaremos nos aproximar dessa tensa relação entre cultura e educação. Na primeira parte, destacaremos a cultura como padrão de segregação humana. Na segunda parte, destacaremos a cultura como padrão de educação, libertação, humanização.

* Recebido em: 04.11.2021. Aprovado em: 12.11.2021.

** Doutor (PhD em Educação) pela Stanford University (1976). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (1974). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1970). Professor Titular Emérito da Faculdade de Educação da UFMG. *E-mail:* g.arroyo@uol.com.br.

A CULTURA COMO CAMPO DE TENSÕES POLÍTICAS

Marilena Chauí (1986) tem destacado as tensões políticas entre o Nacional e o Popular; entre o Estado, a Nação, o Povo e a Cultura Popular. Controlar e destruir a cultura popular até submetê-la à cultura nacional: identidade cultural, identidade nacional, ou sua incorporação na expressão Nacional-Popular. Tarefa celebrativa encomendada à educação. Uma história de celebração da cultura nacional popular sem rupturas, numa celebração pacífica do nacional e do popular como resultado da fusão das raças e de suas culturas.

Marilena Chauí (1986) destaca as tensões políticas de submeter a cultura popular à cultura nacional. O ideal de nação como resultado da ação do Estado sobre a sociedade que legitimou o extermínio de rebeldes, a absorção das manifestações culturais pelo Estado, segregar a cultura popular como atraso, ignorância, cultura alienada. Impor a Cultura Nacional como padrão único, hegemônico de cultura. Marilena Chauí (1986) mostra que o desejo de controlar, de submeter a cultura popular à cultura nacional tem sido uma constante em nossa história política. Formar e manter a consciência da cultura nacional exigiu um esforço de incorporação e de submissão da criatividade cultural popular. Ao estado cabe controlar, legitimar ou suprimir as manifestações da cultura popular em nome da integração nacional e cultural. Processos mais do que de incorporação da cultura popular na cultura nacional, processos de verdadeira domesticação, de controle político da cultura popular em nome do ideal político de identidade cultural e identidade nacional.

TENSÕES POLÍTICAS ENTRE CULTURA NACIONAL E EDUCAÇÃO POPULAR

Marilena Chauí (1986) destaca as tensões entre cultura nacional e cultura popular. Paulo Freire (1987) tem destacado as tensões políticas entre cultura nacional, cultura e educação popular. Análises obrigatórias para entender as tensões de nossa história da educação e da cultura. Paulo Freire (1987) reconhece a relação cultura e educação como um campo transpassado por tensões políticas de invasão cultural. Como entender essas tensões políticas?

Na história e com destaque na nossa história colonial e pós-colonial, a cultura tem sido um campo de tensões políticas. As classificações culturais como legitimantes dos padrões de poder, de ser, não-ser, de ter-não-ter direito à terra, às identidades culturais humanas. Classificações culturais legitimantes de políticas autoritárias de extermínios. Nazi-fascismos legitimados em defesa da cultura nacional. Os massacres, genocídios na colonização, a destruição de culturas, culturicídios em nome de empreitadas catequético-culturais. Uma invasão cultural culturicida. Walter Benjamin nos lembra: *“Todo o documento de cultura tem sido, ao mesmo tempo, um documento de barbárie”*.

Uma longa história de limpezas étnicas em nome de limpezas culturais, de imposição de uma cultura hegemônica dos colonizadores, da Nação, da República e da democracia. Defesa de uma cultura única, hegemônica, nacional, religiosa. *“A Nação acima de tudo e Deus acima de todos”* contra toda tentativa multiculturalista de resistências da diversidade de identidades culturais.

Tensões políticas, éticas, pedagógicas no campo da cultura a revelar a importância política, ética, pedagógica dada na história à cultura como matriz de formação ou deformação humanas, como matriz tensa de que humanos formar, com que valores, “culturas”, identidades. Em todo tempo autoritário a cultura retomada como matriz de formação humana porque sintetizaria os mitos fundantes da nossa formação desde a infância: Família, Pátria, Deus, Propriedade, formadores do humano político, nacional desejado. Logo, retomados todos os culturicídios, limpezas étnicas, culturais decretadas como culturas incultas, primitivas, selvagens, incivilizadas, imorais, in-humanas.

As outras culturas dos Outros coletivos, da diferença decretadas matrizes de produzir in-humanos. A ênfase na cultura nobre, familiar, nacional, religiosa como matriz básica de formação dos humanos “direitos”, reconhecíveis como humanos tem levado a legitimar culturicídios, limpezas culturais, étnicas, a decretar as Outras culturas inferiores como matrizes de deformação humana. As comunidades, os coletivos *Outros* em etnia, gênero, raça, classe decretados como deficientes em humanidade porque deformados, sub-humanos pela matriz cultural única, hegemônica. Memórias culturais de coletivos oprimidos mantidas à margem da cultura nacional, religiosa, porque decretados in-cultos, porque incapazes de participar na produção cultural da humanidade, decretados deficientes em humanidade. A cultura hegemônica, política matriz de desumanizações. A cultura politizada, campo de tensões políticas e humanas.

DECRETAR CULTURAS ANTAGÔNICAS COM QUE INTENÇÕES POLÍTICAS E ECONÔMICAS ?

Paulo Freire (1987) critica a invasão cultural como dominação política, econômica, humana. Esses padrões abissais, sacrificiais de cultura, esse auto definir-se o Nós nos poderes como síntese do padrão único de cultura e decretar os Outros como incultos, até como culturas antagônicas, ameaçadoras, teve na história e com destaque em nossa história funções e interesses políticos que politizaram o campo da cultura como campo de dominação. No decretar os Outros como selvagens, imorais, perigosos porque incultos ou porque atolados em culturas antagônicas não legitimou apenas os culturicídios, mas também os extermínios. Legitimou as políticas de expropriação, apropriação de seus territórios, suas terras. De expropriação da renda de seu trabalho. Até de sua venda como coisas. Não humanos, escravizáveis. Não sujeitos de direitos humanos à terra, território, teto, renda, trabalho, vida justa, humana. Porque decretadas culturas incultas, in humanas se decretou como legítimo seu extermínio físico e cultural em nome da Cultura hegemônica, nacional, religiosa.

Esse decretar “culturas antagônicas” teve na história a função política mais radical de ocultar interesses econômicos como a expropriação da terra, da renda do trabalho, da negação dos direitos de cidadania, nação. Teve a função política antiética mais radical: legitimar a negação, o não reconhecimento da condição humana. Segregar por diversidades culturais ficou mais leve do que segregar por etnia, raça, gênero, classe. Mas revela que na história, sobretudo colonizadora e até republicana, a segregação por diversidades culturais tem sido um dos padrões legitimadores de culturicídios, extermínios, etnicismos, racismos, seximos.

As culturas têm sido e continuam sendo uma matriz política e pedagógica de reconhecimento e segregação de uns, o Nós como humanos porque cultos e os Outros como in-humanos porque decretados selvagens, in-cultos no padrão único de cultura. A cultura politizada, apropriada como instrumento de dominação, subalternização.

Marilena Chauí (2020), na rica diversidade de suas análises, destaca a politização da cultura, as hierarquias culturais entre cultura nobre, letrada e culturas iletradas, culturas populares. A estratificação das culturas reproduzindo as estratificações sociais, políticas, raciais. Em nome desses padrões abissais, sacrificiais de culturas foram legitimados culturicídios e esmagamentos dos Outros, das memórias nos diversos regimes de poder.

Esse padrão único abissal de cultura teve e tem a função política de legitimador dos enquadramentos sociais, humanos, de enquadramento de línguas, crenças, religiões e imposição de padrões de direitos humanos atrelados a essas dicotomias abissais, sacrificiais de culturas nacionais, religiosas, nobres, letradas, ilustradas, civilizadas. Tempos de volta a politização segregadora da

cultura nacional e religiosa, homogênea, única, inspiradora de todos os nacionalismos e de tantas “limpezas étnicas”. A Nação acima de tudo e Deus acima de todos, padrão a definir a cultura legítima, a definir os mitos culturais fundadores, legitimadores de massacres, segregações dos coletivos indígenas, negros, quilombolas, das florestas, dos campos e das periferias. Hoje legitimadores de extermínios de militantes indígenas, negros, quilombolas, sem-terra em movimentos políticos culturais identitários.

O ETNICISMO E O RACISMO ESTRUTURAL LEGITIMADOS NOS MITOS FUNDADORES CULTURAIS

Esses mitos culturais segregadores tentam ocultar as fronteiras de classe, étnicas. O etnicismo e o racismo estrutural legitimam extermínios de jovens, adolescentes, militantes negros, indígenas, quilombolas. Tentar legitimar seus extermínios, decretando-os como selvagens, incultos, imorais repõe a velha e histórica função das segregações culturais que vêm da Colônia, no Império e até na República. O etnicismo e o racismo estrutural acompanham toda a história. A África foi pensada e tratada como objeto descartável ou apropriável. Como culturas incultas, no padrão de humanos, in-humanos, os *Condenados da Terra* (FANON, 2006). As representações culturais, as culturas têm sido um dos campos de legitimação da apropriação e da expropriação de terras e de seres humanos, vendáveis como mercadorias, não humanos. Esse mito ôntico (QUIJANO, 2009), fundante de nossas origens persiste na segregação racial, no extermínio de jovens, adolescentes, mulheres negras, militantes como Marielle.

As torturas bélicas, inquisitórias, judiciais, práticas tão persistentes na história e em nossa história tentaram se legitimar na empreitada cultural colonizadora, educadora de incluir os selvagens, incultos na única cultura nobre, civilizada, moral, humana. A cultura hegemônica. Desde a Colonização não foi reconhecida a diversidade cultural, nem no Império e na República, não tivemos uma diversidade cultural para fundar uma Pátria, mas foi imposta uma religião única, síntese da cultura única nacional. Sempre uma cultura, um Deus, uma Nação se impuseram acima de todas as outras culturas, valores cívicos e acima das outras religiões. As ideias, ideais de Nação, de Deus como culturas únicas foram impostos como acima de outras culturas, credos, deuses, de outras matrizes religiosas e culturais indígenas, africanas. As crenças religiosas dessas matrizes foram e são reprimidas como credices, selvagerias.

As tentativas até hoje de impor um ideal de Nação, de Deus como a cultura única, revelam o reconhecimento político e cultural das tensões por ser hegemônicas, reconhecendo que nem esse deus é o único nem esse ideal de nação é único. Tensões que continuam se debatendo por ser hegemônicas, por se impor sobre a diversidade de crenças religiosas, políticas e de nação que sempre fizeram parte da nossa diversidade cultural, étnica, racial, social, religiosa. Humana. Mitos fundantes de nossa história tão etnicista, racista, sexista, classista que pretendem se ocultar no padrão único de cultura única, político-religiosa. Mitos fundantes de nossa História da Educação como história cultural única.

A RETOMADA DESSES MITOS FUNDANTES COMO POLÍTICA CRIMINALIZADORA

Paulo Freire (1987) critica essa invasão cultural antidialógica como conquista para dividir e manter a opressão. Ele destaca essa função política da invasão cultural antidialógica, como opressora: “O primeiro caráter é a necessidade de conquista. Todo ato de conquista implica um sujeito

que conquista e um conquistado, objeto possuído pelo conquistador, roubando ao oprimido sua palavra, sua cultura” (FREIRE, 1987, p. 135-136).

A diversidade de tradições autoritárias tão persistentes em nossa história tentou se legitimar nesses mitos fundantes culturais de Nação, de Deus, de cultura nobre, nacional, religiosa a se defender das Outras culturas selvagens, imorais, ameaçadoras, antagônicas. A ênfase na cultura única nacional, religiosa acima de tudo, revela como é fundante a segregação cultural em nossa história. Se esses ideários fundantes de nossa cultura hegemônica são retomados como política de Estado é porque são realmente fundantes e são retomados e proclamados como a nossa cultura hegemônica em tempos em que a diversidade cultural é reposta, repolitizada pelos diversos em movimentos sociais, políticos, culturais, religiosos.

A retomada de Nação, Deus acima de tudo e de todos, acima de todas as diversidades étnicas, raciais, religiosas, morais identitárias, culturas revela que a consciência política, a cultura que se afirma hegemônica se sabem disputados. A atual politização da cultura revela a consciência de que esse campo sempre foi minado, disputado. Foi e continua sendo um campo de resistências políticas, éticas, culturais. Resistências, sobretudo dos Outros, das ditas “memórias étnicas”, culturas marginais dos coletivos decretados desde a colonização como extermináveis, sem cultura, sem humanidade.

A opção política tem sido reposta: destruir toda manifestação de sermos uma Nação com uma pluralidade multicultural-multiconfessional e impor como política de Estado e reafirmar uma cultura hegemônica única, nacional, confessional, acima de todos e de tudo. As consequências desse impor acima de tudo e de todos uma crença e uma cultura nacional única política e religiosa não é uma exceção em nossa história. Fez e faz parte de nossas tradições autoritárias até em um campo que se presume livre, o campo da cultura, tão decantado pelas Artes como o território da liberdade de criação, de expressão.

A censura no campo da cultura não tem sido um acidente. A história de brutais culturicídios contra os povos originários, escravizados, contra os trabalhadores dos campos, das periferias tem sido mais radical do que a censura às Artes, à mídia. Essas outras barbáries culturais contra os Outros têm sido uma constante na nossa história cultural, política e até religiosa. O padrão de cultura que o Estado reafirma como política sempre foi um padrão cultural, religioso, etnicista, racista, sexista, homofóbico, classista. Que função opressora tem cumprido em nossa história esse padrão segregador de cultura? Não tem sido uma das matrizes de desumanização, de segregar os outros como in-humanos?

AS CULTURAS MATRIZES DA LEGITIMAÇÃO DA DICOTOMIA DE HUMANOS-IN-HUMANOS

Paulo Freire (1987) insiste que toda invasão, dominação cultural é desumanizante, rouba, nega a humanidade dos oprimidos. Os estudos culturais, a antropologia cultural tem mostrado as culturas como matrizes do humano, de polarizações de culturas e de humanos. Há culturas que humanizam, tornam humanos, mas há contraculturas, inculturas que desumanizam culturas decretadas contraculturas, inculturas, nativas, selvagens, de povos tradicionais, isolados, reproduzindo-se. Apenas vivendo e morrendo imersos em suas inculturas.

Um imenso abismo entre culturas e padrões de humanos produzidos e reproduzidos por essas culturas antagônicas que têm tornado e continuam tornando impossível compreender e reconhecer os Outros como humanos. Os Outros, decretados coletivos incultos, primitivos, selvagens que não pertencem ao mesmo protótipo de humano, ao *Nós* síntese de humano único cultural, moral, ra-

cional. Logo, os Outros protótipos do in-humano selvagem, inculto. A cultura tem operado como padrão de classificação entre humanos: o Nós humanos cultos e os Outros in-humanos in-cultos primitivos, com deficiência de humanidade, em estado de natureza, não de cultura.

A cultura padrão do paradigma de humano-in-humano que estrutura todos os humanismos pedagógicos. O como tem sido pensado, decretados os Outros nesse padrão de cultura não continua persistente no classificar as infâncias, até jovens-adultos nas escolas públicas e na EJA? Não persiste como padrão no decretar jovens-adolescentes “comunidades”, militantes como extermináveis, terroristas, até crianças nas ruas, nas escolas como indisciplinados, ameaçadores, violentos... Sem cultura? Sem humanidade?

Os novos estudos antropológicos têm criticado essas antropologias culturais, esses padrões tão abissais de culturas, de humanos, têm criticado essa produção política polarizada de humanos porque reconhecidos ou não reconhecidos produtores de culturas, produzidos como humanos pela cultura. Esses estudos de antropologia cultural mostram às teorias pedagógicas como a cultura tem sido um componente seletivo central no pensar a matriz de humanização-desumanização.

Uma pergunta obrigatória a merecer centralidade nas teorias pedagógicas, na formação docente-educadora: a cultura como matriz tão radical na história de reconhecer ou não os diversos coletivos como humanos, não-humanos tem tido centralidade nas teorias pedagógicas e na formação de docentes-educadores? As concepções tão abissais de culturas, de coletivos cultos ou incultos não têm marcado o pensamento pedagógico no reconhecer, não reconhecer os coletivos como humanizáveis, educáveis, não humanizáveis, não educáveis? (ARROYO, 2015).

Entender o peso da matriz cultural, no decretar, reconhecer ou segregar que coletivos como humanos, será uma pista fecunda para entender as dicotomias de humanos-in-humanos que transpassam todos os humanismos pedagógicos e que são reproduzidos na política, nos padrões de trabalho, de direitos humanos e até nas culturas escolares-pedagógicas.

RE-EXISTÊNCIAS CULTURAIS À INVASÃO CULTURAL

Avançemos para a segunda parte: a cultura como padrão de educação, libertação, humanização. Paulo Freire (1987) critica essa função invasiva da cultura como segregação humana como ação antidialógica. Como invasão cultural “desrespeitando as potencialidades do ser a invasão cultural e a que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos impondo a estes sua visão do mundo... Neste sentido a invasão cultural é sempre uma violência ao ser da cultura invadida” (FREIRE, 1987, p. 149). A invasão cultural tem dupla face. De um lado é já dominação; de outro é tática de dominação. No fundo a invasão é uma forma de dominar econômica e culturalmente o invadido (FREIRE, 1987, p. 150). Uma dominação-invasão política.

Paulo Freire (1987) politiza a cultura como instrumento de dominação. A cultura do silêncio que se gera na cultura opressora tenta que os invadidos pela cultura hegemônica se percebam proibidos de estar sendo “quase coisas”. Paulo reconhece os invadidos como resistentes a essa invasão cultural. Descubrem que, como humanos não podem continuar sendo “quase coisas possuídas e, da consciência de si como oprimidos, vão à consciência de classe oprimida”.

Paulo Freire (1987) politiza a cultura como padrão de educação, libertação, humanização. Traz para o campo da cultura a dialética invasão cultural-desumanização/ resistência cultural-humanização. Invasão – cultural, resistência, ação cultural, humanização. Freire (1987) destaca que a ação cultural dos oprimidos será uma experiência histórica existencial de estar sendo,

afirmando-se sendo sujeitos de cultura humana. As resistências como formas de ação cultural têm como objetivo: “aclarar aos oprimidos a situação objetiva em que estão, que é mediatizadora entre eles e os opressores, visível ou não (FREIRE, 1987, p. 174). As resistências como ação cultural se constituem como matizes de humanização.

CULTURA-EDUCAÇÃO CAMPOS DE RE-EXISTÊNCIAS

Uma exigência política, ética, pedagógica para a educação e a docência: reconhecer a cultura, a educação como campos de resistências humanizadoras. À tantas barbáries que acompanharam os campos da educação e da cultura na história e com especial radicalidade na nossa história da colonização das Américas, tem correspondido também serem a educação, a cultura campos de atestados de resistências. Re-existências de reafirmação constante, histórica de auto-afirmação de outras identidades, culturas, outros valores, saberes, outras memórias a cultivar, celebrar, ensinar. Os campos da educação e da cultura, matrizes de resistências humanizadoras?

Resistências de ocupação dos aparelhos do Estado, pelos diversos movimentos sociais: ocupar as escolas pelo movimento estudantil, ocupar o MEC pelos movimentos afirmativos da diversidade SECAD, ocupar os ministérios do Estado: os movimentos feminista, negro ocupando os Ministérios da diversidade racial, de gênero, os movimentos de trabalhadores, sem-terra ocupando o Ministério da Reforma Agrária – PRONERA.

Os espaços do poder hegemônico disputados como campos de educação, de cultura. Espaços de resistências afirmando outros valores, outras culturas, outra educação. Outro projeto de sociedade, de cidadania, de humanidade. Se os campos da cultura e da educação operaram como espaços de dominação hegemônica, como matrizes de desumanização, os coletivos re-existent redefinem a educação e a cultura como matrizes de humanização. Movimentos educadores, intelectuais orgânicos? Movimentos culturais educadores da educação e da cultura.

A educação e a cultura têm sido cultuadas como campos de consensos, de significados e valores universais a ser aceitos com unanimidade. A história da educação e da cultura não confirmam terem sido campos de unanimidades, mas campos de significados diversos, conflitos históricos. Cultura-educação carregam disputa de significados, concepções, compreensões e intenções políticas de como os diversos coletivos sociais se entendem e entendem o mundo, a história e seu lugar no mundo e na história.

Nos movimentos sociais identitários, os diversos coletivos se reconhecem sujeitos de culturas, valores, saberes, tradições, sujeitos de educação, de Outras Pedagogias de Oprimidos (FREIRE, 1987) em disputas de identidades culturais, de crenças, valores, saberes, costumes, tradições. Pedagogias identitárias de disputas de culturas e de educação, de processos, de socialização, transmissão, aprendizagens, de celebrações da diversidade de identidades culturais não únicas, mas diversas, em classe, etnia, raça, gênero.

Cultura-educação campos privilegiados de re-existências afirmativas, de tensões, de valores, de saberes, de conhecimentos, de identidades, de afirmação das diversidades. Tensões na cultura e na educação que tencionam as identidades docentes, educadoras transmissoras das culturas, dos valores e saberes. Identidades profissionais também resistentes questionando os significados e interesses únicos das verdades conhecimentos, valores, dos campos da cultura e da educação de que são profissionais. Reconhecer os campos da cultura e da educação de que são profissionais como territórios de resistências confere aos seus profissionais significados políticos, éticos pedagógicos de resistências.

A educação e a cultura tem sido campos de dominação, de segregação dos outros como humanos e como cidadãos, mas tem sido também campos políticos, de resistências, de autoafirmação dos outros como sujeitos de saberes, valores, culturas, identidades humanas. A cultura popular inferiorizada como sub-cultura tem sido um campo de re-existências afirmativas de humanidade, de cidadania. O campo da cultura indígena, negra, quilombola, camponesa, ribeirinha, dos coletivos de trabalhadoras, trabalhadores, tem sido espaços de resistir, de se mobilizar, de celebrar seus saberes, valores, culturas, tradições, identidades.

Os movimentos sociais em sua diversidade tem sido movimentos de culturas de resistências por emancipação. Movimentos educadores, culturais reafirmantes da cultura e da educação, como matrizes de humanização. De re-existências reafirmantes de seus saberes, valores, tradições, identidades humanas. Re-existências de emancipação dos padrões do poder que os decretaram incivilizados, incultos, irracionais, imorais, porque decretados com deficiência de humanidade. Suas re-existências no campo da cultura e da educação, afirmando sua humanidade tem sido resistências políticas radicais por emancipar-se dessa condição inferiorizada de humanos tão persistente no campo da educação e da cultura hegemônica.

Se decretados pela cultura hegemônica com deficiência de humanidade for o motivo mais radical de roubar suas humanidades, re-existir emancipando-se desse decretados inumanos, incultos, imorais, exige ser reconhecida como a matriz mais radical de humanização. O movimento operário por libertação pode ser reconhecido como movimento cultural, educador e emancipatório das estruturas opressoras, de exploração, desumanização dos padrões de trabalho explorador.

A diversidade de movimentos sociais educadores por emancipação até das promessas hegemônicas de ser civilizados, educados nos valores, saberes, culturas hegemônicas para merecer ser reconhecidos sujeitos de direitos sociais, políticos humanos. O movimento operário e a diversidade de movimentos emancipatórios têm resistido a essas promessas de reconhecimento pela educação. Para a cultura hegemônica a libertação dos trabalhadores exigiria a educação para adequação à cultura hegemônica dos saberes, valores do trabalho. Os movimentos sociais populares decretados incultos, sem racionalidade e sem moralidade dão continuidade a essas re-existências emancipatórias afirmando seus valores, saberes, culturas, sua humanidade.

Cultura-educação, campos de tensas segregações, de inumanos processos de desumanização e campos de re-existências emancipadoras educativas, culturais. Humanizadoras. Campos de históricas tensões políticas, éticas, pedagógicas e culturais que marcaram a docência, a educação como ofícios tensos, políticos, éticos. Marcaram identidades docentes resistentes. Marcaram o movimento docente como movimento cultural, emancipador.

A cultura síntese das matrizes de emancipação e humanização? Cultura e educação tem uma tensa relação histórica? Em nossa história? Os estudos decoloniais tem destacado essa centralidade dominação cultural como matriz colonizadora: decretar os povos originários e os negros escravizados como em estado de natureza não de culturas. Decretados deficientes em humanidade para legitimar os colonizadores. expropriados de seus territórios, destituídos de suas culturas.

A cultura síntese da segregação de humanos, in-humanos. Anibal Quijano (2009) nos fala do mito ôntico-metafísico da in-humanidade. Boaventura de Souza Santos (2009) destaca os culturicídios que decretaram aos povos originários e aos negros escravizados com deficiência de humanidade. Resistências históricas por libertação do negro da inferioridade humana e cultural (ARROYO, 2014).

SÍNTESE CULTURAL – A CULTURA SINTETIZA AS TENSÕES POLÍTICAS?

Para Paulo Freire (1987), a cultura é síntese dos tensos processos de dominação e libertação-emancipação. Se a cultura dominante sintetiza o poder da nação, de Deus acima de tudo e de todos, a cultura popular sintetiza a afirmação de humanidade, de resistências. A cultura popular, síntese de múltiplas linguagens, múltiplas vivências, saberes, identidades culturais.

A cultura popular resistente às humanidades negadas, roubadas. Síntese de outro padrão cultural de humano afirmado na teimosa persistência dos oprimidos afirmando-se como sujeitos de culturas, de humanidade. As resistências culturais síntese das resistências políticas oprimidos.

Paulo Freire (1987) termina a *Pedagogia do Oprimido* com esse sub-capítulo: *Síntese Cultural* (FREIRE, 1987, p. 178). Paulo reconhece que as tensões opressoras na cultura sintetizam as tensões políticas de dominação-opressão. A invasão cultural como penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo, freia, inibe sua criatividade cultural. Caracteriza-se como a síntese das violências políticas (FREIRE, 1987, p. 149).

Reconhecer que a cultura sintetiza as tensões políticas exige das teorias da educação e da história da educação reconhecer essas tensões síntese que vem da cultura. A cultura, espaço político central de dominação, de conquista, de opressão? A cultura síntese de desumanização? Síntese re-existências afirmativas de humanos sujeitos de cultura?

Na *Síntese Cultural* (FREIRE, 1987, p. 178) Paulo Freire politiza, radicaliza a ação cultural dos oprimidos. Ora implícita, ora explicitamente, toda ação cultural é sempre uma forma sistemática e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social. Ora no sentido de mantê-la como está, ora de transformá-la.... A ação cultural ou está à serviço da dominação, ou está à serviço da libertação. Toda revolução, se autêntica, tem que ser também revolução cultural (FREIRE, 1987, p. 180).

Paulo aprende com os oprimidos, resistentes à invasão cultural, que a cultura foi sempre um campo de resistências humanizadoras. Cultura síntese de afirmação das identidades resistentes, afirmativas de coletivos: cultura negra, cultura indígena, cultura quilombola, cultura camponesa, cultura operária... Cultura e identidades se afirmando, afirmando a diferença. A cultura síntese das matrizes de emancipação humanização. Cultura-educação em uma tensa relação histórica. Com particular ênfase na nossa história de dominação/emancipação.

Os estudos decoloniais tem destacado essa centralidade da dominação cultural como matriz colonizadora: decretar os povos originários e os negros escravizados em estado de natureza, não de cultura. Decretados deficientes em humanidade para legitimar os culturizados, expropriação de seus territórios, destruição de suas culturas. A cultura síntese da segregação de humanos, in-humanos. Aníbal Quijano (2009) nos fala do mito ôntico-metafísico de in-humanidade. Boaventura de Souza Santos (2009) destaca os culturizados que decretaram os povos originários e os negros escravizados com deficiências originárias de humanidade. Resistências históricas por libertação do mito da inferioridade humana e cultural (ARROYO, 2014).

Para Paulo Freire (1987) a cultura é síntese dos tensos processos de dominação e de libertação, emancipação. Se a cultura dominante sintetiza o poder da Nação, de Deus acima de tudo e de todos, a cultura popular sintetiza a afirmação de humanidade, de resistências. A cultura popular síntese de múltiplas linguagens, múltiplas vivências, saberes, valores, identidades, culturas.

A cultura popular resistente às identidades negadas, roubadas. Síntese de outro padrão cultural de humano, afirmado na teimosa persistência dos oprimidos afirmando-se sujeitos de culturas, de humanidades. As resistências culturais síntese das resistências políticas dos oprimidos.

STANDARD HUMAN SEGREGATION CULTURE? STANDARD EDUCATION-HUMANIZATION CULTURE?

Abstract: the purpose of the article is to comprehend how the fields of culture and education-humanization are reinforced in history. It has also been a field of political and pedagogical tensions. In the first part of the work, we discuss how culture has been placed at the service of the political pattern of human segregation. Political tensions between national culture and popular education-culture. Grounded Cultural myths that legitimize ethnic, racial, and human-human segregation. In the second part of the text, we question the standard culture of education, of liberation. Paulo Freire criticizes cultural invasion as a political domination, but highlights cultural resistance as matrices of emancipation, humanization. Culture synthesizes as political tensions. Cultural synthesis.

Keywords: Culture. Domination. Dehumanization. Cultural Resistance. Humanization. Cultural Synthesis.

Referências

- ARROYO, Miguel. O Humano é viável? É educável? *Revista Pedagógica*, v. 17, p. 21/40, 2015.
- ARROYO, Miguel. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência - aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. Reflexões sobre cultura e democracia. In: GALLO, Silvio et al. *Pensar Filosófico Cultura e Formação Humana*. Campinas: Mercado das Letras, 2020.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Souza. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009.